

# Curso de Cinema: sonho antigo da UFMG

José Tavares de Barros

Foi a partir de março de 1966 que uma disciplina obrigatória de cinema passou a integrar o currículo do então curso de Belas-Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Eram 180 horas anuais, destinadas a uma iniciação à cultura cinematográfica, com ênfase na leitura e na apreciação de filmes sobre artes plásticas. No final do ano letivo faziam-se experiências de realização. Em 1967, tendo ocorrido condições mais favoráveis de trabalho, foi possível produzir um curta em 35mm: **O Rabo do Gato**.

A partir de 1969, a implantação na UFMG do novo currículo de Comunicação Social abriu perspectivas mais amplas para a atividade. Na área específica de cinema começaram a ser ministradas três disciplinas para a habilitação de Jornalismo e duas para a de Publicidade e Propaganda, num total de 300 horas/aula por semestre. Além destas, três disciplinas de Iniciação à Fotografia vieram integrar o currículo obrigatório dos cursos de Arquitetura, Belas-Artes e Comunicação Social.

Esse quadro manteve-se por 15 anos, cumprindo uma função cultural cuja importância não pode ser minimizada: a de oferecer aos estudantes um sólido núcleo de informações sobre cinema, passando ainda da teoria à prática da leitura da imagem cinematográfica e, em al-

guns momentos, à prática da produção. Nesse contexto acadêmico foram assim realizados os curtas-metragens **Universidade Integrada, Cerâmica do Vale do Jequitinhonha, Arqueologia no Brasil**, entre outras experiências. José Tadeu Ribeiro, um dos mais disputados fotógrafos do cinema brasileiro atual, foi um aluno que se tornou famoso. Entretanto, mais do que honrosas exceções fundadas em méritos pessoais, deve-se destacar a influência positiva que essas disciplinas exerceram sobre mais de 1.500 profissionais de artes e de comunicação, oferecendo-lhes os pressupostos básicos para uma visão crítica do fenômeno cinematográfico, principalmente o brasileiro.

## Novo currículo

A situação começou a se alterar com a implantação, a partir de 1985, do novíssimo currículo de Comunicação Social. As disciplinas obrigatórias de Fotografia e Cinema foram abolidas em troca da abertura para uma habilitação em Cinema, cujo currículo mínimo se mostrava, desde o primeiro momento, inadequado à realidade brasileira. Não foi sem razão que nenhuma instituição de ensino julgou possível implantar a habilitação, mantendo-a apenas as escolas que a ofereciam há mais tempo: USP, FAAP, UFF e UNB.

O Departamento de Fotografia e Cinema da UFMG, com seu contingente de 12 professores qualificados e um patrimônio que inclui mesa de

animação, moviola, câmeras e uma bem dotada filmoteca, examinou com cuidado a nova situação e considerou que havia chegado a hora de realizar um velho sonho: o de oferecer à comunidade universitária mineira um curso profissionalizante na área de Cinema. Diante das circunstâncias, optou por uma habilitação na área de Artes, que oferecia plena autonomia na formulação do currículo. Dessa forma, o curso de cinema insere-se na proposta curricular da Escola de Belas-Artes da UFMG, entre cujas disciplinas básicas alinham-se as de Fotografia e Cinema, obrigatórias para todas as opções profissionais. Num contexto de estudos inseridos no campo das artes plásticas, a ênfase naturalmente escolhida foi a do cinema de animação. Nos seus quatro semestres específicos, a habilitação em cinema possui um tronco de embasamento teórico, com as disciplinas de História da Animação, Semiologia da Imagem, Autores e Estilos Cinematográficos, Cinema Brasileiro e Mercado de Cinema e TV. Na linha técnica ou profissionalizante o aluno cursará as disciplinas de Técnicas Audiovisuais (fotografia e som), Processos Alternativos de Animação, Técnicas de Roteiro e Técnicas de Desenho Animado. Incluídas ainda algumas disciplinas de formação geral, temos um total de 875 horas/aula em dois anos de estudos, completados pelas 300 horas de um ateliê de produção, inserido estrate-

gicamente no último semestre letivo.

Seria desnecessário justificar a nova habilitação dentro do espaço que o cinema de animação ocupa cada vez mais no mercado cinematográfico brasileiro, incluídas as perspectivas oferecidas pela utilização dos meios eletrônicos de produção. Basta mencionar a recente implantação do Centro Técnico Audiovisual da Embrafilme que, entre outras finalidades não menos importantes, começa a se equipar com equipamentos modernos na área da animação da imagem. A infra-estrutura do excelente parque tecnológico completa-se com o oportuno convênio que o Centro firmou com o National Film Board, do Canadá, para programas de intercâmbio de pessoal.

Temos a convicção de que a incipiente política de colaboração entre as iniciativas governamentais e as instituições acadêmicas propiciará, nos próximos anos, a indispensável integração, em âmbito nacional, de todos aqueles que se dedicam a esse meio particularmente criativo e contundente de expressão: o cinema de animação, em todas as suas formas.

José Tavares de Barros é professor de Cinema do Departamento de Fotografia e Cinema da Escola de Belas-Artes da UFMG e presidente do Centro de Pesquisadores do Cinema Brasileiro.